

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil¹

Elizabeth da Costa SILVA²

Jacqueline Veneroso Alves da CUNHA³

Samuel de Oliveira DURSO⁴

RESUMO

Este estudo buscou identificar os fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis no Brasil. Para isso, aplicou-se um questionário composto pela escala Teacher Stress Inventory, obtendo 248 respostas válidas. Os dados foram analisados a partir de testes estatísticos e regressão linear múltipla. Dentre os principais achados da investigação, identificou-se que os construtos relacionados à ausência de recursos, carga de trabalho, mau comportamento do estudante e reconhecimento profissional foram os maiores promotores de estresse. O modelo econométrico estimado permitiu identificar os principais fatores que influenciam na percepção de estresse para o contexto da amostra ($R^2 = 0,43$), com destaque para as variáveis relacionadas com o gênero do participante e com o seu nível de satisfação com a profissão. Os resultados da pesquisa ajudam a estruturar políticas que visam a retenção docente e a melhoria da formação no ensino superior, especialmente no âmbito das Ciências Contábeis.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Docente. Ensino Superior. Estresse. Educação Contábil. Inventário de Estresse do Professor.

¹ Agradecemos ao CNPq pelo apoio financeiro à pesquisa.

² Doutoranda em Controladoria e Contabilidade. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5345-7176>. E-mail: beth.costa82@hotmail.com

³ Doutora em Ciências Contábeis pela USP. Professora Titular Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2522-3035>. E-mail: jvacbr@yahoo.com.br

⁴ Doutor em Educação pela UFMG e doutor em Controladoria e Contabilidade pela USP. Professor Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0016-3611>. E-mail: sodurso@gmail.com

Factors that promote stress in professors of Accounting in Brazil

*Elizabeth da Costa SILVA
Jacqueline Veneroso Alves da CUNHA
Samuel de Oliveira DURSO*

ABSTRACT

This study aimed to identify the factors that promote stress in professors of undergraduate Accounting programs in Brazil. To this end, a questionnaire using the Teacher Stress Inventory scale was applied, obtaining 248 valid responses. The data were analyzed using statistical tests and multiple linear regression. Among the main findings of the investigation, it was identified that constructs related to lack of resources, workload, poor student behavior, and professional recognition were the greatest promoters of stress. The estimated econometric model allowed the identification of the main factors influencing the perception of stress for the context of the sample ($R^2 = 0.43$), highlighting the variables related to the participant's gender and their level of job satisfaction. The research results help to structure policies aimed at faculty retention and improvement of higher education, especially in the field of Accounting.

KEYWORDS: Teaching Work; Higher Education; Stress; Accounting Education. Teacher Stress Inventory.

Factores promotores de estrés en docentes de los cursos de ciencias contables en Brasil

Elizabeth da Costa SILVA
Jacqueline Veneroso Alves da CUNHA
Samuel de Oliveira DURSO

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo identificar los factores que promueven el estrés en docentes de los programas de Contabilidad de pregrado en Brasil. Para ello, se aplicó un cuestionario compuesto por la escala Teacher Stress Inventory, obteniendo 248 respuestas válidas. Los datos fueron analizados mediante pruebas estadísticas y regresión lineal múltiple. Entre los principales hallazgos de la investigación, se identificó que los constructos relacionados con la falta de recursos, la carga de trabajo, el mal comportamiento del estudiante y el reconocimiento profesional fueron los principales promotores de estrés. El modelo econométrico estimado permitió identificar los factores clave que influyen en la percepción de estrés en el contexto de la muestra ($R^2 = 0,43$), con énfasis en las variables relacionadas con el género del participante y su nivel de satisfacción con la profesión. Los resultados de la investigación contribuyen a la formulación de políticas orientadas a la retención del profesorado y a la mejora de la educación superior, especialmente en el ámbito de las Ciencias Contables.

PALABRAS CLAVE: Trabajo Docente. Educación Superior. Estrés. Educación Contable. Inventario de Estrés Docente.

Introdução

Ao longo da carreira, os docentes se deparam com uma série de desafios e complexidades que vão desde demandas por prazos à sobrecarga de trabalho e dupla jornada (Kyriocou, 2001; Nascimento, 2017). Além da complexidade, os docentes precisam lidar com diferentes saberes, com a pluralidade e o dinamismo que a profissão exige. Os professores precisam, ainda, ter total domínio do conhecimento de sua área específica, saber como ocorre o processo pedagógico do ensino em suas respectivas realidades, além de conhecer os métodos de avaliação, elaboração, aplicação e produção de conhecimentos (Almeida, 2005; Durso; Sousa, 2023).

Saberes como estes são demandados dos docentes ao longo de toda a sua carreira (Almeida, 2005; Iaochite, 2007). Assim, manter a curiosidade e a motivação do discente em um processo autônomo de aprendizagem não é uma tarefa fácil para os docentes, tendo em vista os desafios relacionados à atividade de ensino (Almeida, 2005). Nesse cenário de exigências e complexidade crescente, é natural que, em determinados momentos da prática profissional, surjam pressões, tanto físicas como psicológicas, a ponto de causar incômodos e até afastamentos por questões de saúde. Esta afirmativa pode ser associada à definição de estresse docente trazida por Kyriacou (2001) como uma experiência de emoções desagradáveis e negativas, tais como raiva, ansiedade, tensão, frustração ou depressão, relacionada a aspectos do trabalho na atividade de ensino.

Apesar de a literatura destacar que os diversos níveis educacionais apresentam situações de estresse docente, o ensino superior, em especial, possui desafios que podem ameaçar a saúde física e mental dos professores, ocasionando adoecimento (Kyriacou, 2001). Soares et al. (2019) destacam que o ambiente das instituições de ensino superior é gerador de estresse docente, tendo em vista fatores inerentes ao ambiente de trabalho como baixo salário, falta de apoio material e social, além da extenuação física, que desgastam os docentes levando-os a afastamentos por problemas relacionados à saúde.

É importante frisar, contudo, que nem toda carga de estresse deve ser considerada como prejudicial aos indivíduos (Vasconcellos, 2017). De acordo com a literatura, o estresse pode ser classificado em duas categorias distintas: o eustresse e o distresse. O eustresse surge quando o indivíduo reage de forma positiva à determinada situação levando-o a ser mais produtivo e criativo. Em contrapartida, o distresse acontece em decorrência de uma resposta negativa ao estresse, desencadeando um processo adaptativo inadequado, o que pode levar à exaustão (Le Fevre et al., 2006). Nesse contexto, a presente pesquisa tem o foco na categoria negativa do estresse, relacionada,

portanto, às situações do contexto acadêmico que sobressaem às situações do eustresse, ameaçando a saúde dos docentes.

A área contábil, em especial, apresenta especificidades que tornam os estudos sobre a temática ainda mais relevantes. Isso porque é comum que os cursos de Ciências Contábeis apresentem docentes com dupla jornada de trabalho, atuando tanto no mercado quanto na academia (Nascimento et al., 2017), ou em várias instituições de ensino ao mesmo tempo. Isso gera carga de trabalho excessiva e pode fazer com que a atuação docente para a área contábil apresente fontes extras de desafios e, conseqüentemente, maior estresse. Além disso, a literatura destaca que na área contábil é comum a presença de docentes que não tiveram uma formação didático-pedagógica (Wille, 2018), o que pode trazer ainda mais atrito no processo de atuação docente.

Sendo assim, a presente pesquisa buscou responder ao seguinte questionamento: quais são os fatores promotores de estresse em docentes atuantes nos cursos de graduação em Ciências Contábeis do Brasil? Dessa forma, o objetivo da investigação consistiu em identificar os fatores que podem explicar os diferentes níveis de estresse dos docentes de Ciências Contábeis que atuam em IES brasileiras.

A partir do presente estudo, torna-se possível refletir sobre um importante elemento da atuação dos docentes dos cursos de Ciências Contábeis, contribuindo com o processo de formação na área e, conseqüentemente, com o desenvolvimento da profissão. Adicionalmente, os achados da pesquisa podem ser úteis para outras áreas da formação humana que apresentam problemas similares aos verificados para o ensino superior em Ciências Contábeis.

Estresse e a Profissão Docente

O estresse é um estado que envolve fatores físicos, psicológicos, bioquímicos e sociais. Seu conceito foi discutido inicialmente pelo físico Robert Hooke no final do século XVII e estava relacionado à elasticidade das molas. A interação entre tensão, deformação e carga tende à distorção, representando a carga que um material suportaria antes de se romper (Hinkle, 1974; Silva et al., 2018).

Psicologicamente, o estresse é uma reação do organismo a partir dos componentes psicobiológicos de situações vividas que estimulam o ser humano a reagir com excitação, medo ou irritação (Borin; Natali, 2006; Lazarus, 1993; Silva et al., 2018). Nesse contexto, a natureza do estresse transcende à dimensão física e abraça aspectos psicológicos e biológicos. Além disso, é crucial considerar que o estresse não é uma entidade uniforme. Ao contrário, é moldado por uma multiplicidade de fatores, incluindo a percepção individual, a capacidade de enfrentamento e a

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil natureza da situação desencadeante. Características pessoais como personalidade, sistema de crenças, estratégias de enfrentamento (*coping*), além de competências sociais e emocionais, possuem um papel mediador nos efeitos do estresse percebido (Carlotto et al., 2015).

O conceito de estresse tem evoluído ao longo do tempo, e foi definido de três maneiras diferentes: a primeira está relacionada ao ambiente e diz respeito a como as pessoas reagem às origens ou causas do estresse (Baum, 1990; Coyne; Holroyd, 1982; Silva et al., 2018). A segunda compreende o estresse como uma resposta, ou seja, como o indivíduo reage diante de episódios estressantes, onde é possível observar padrões e reações fisiológicas e psicológicas (Lameu et al., 2016; Lazarus; Folkman, 1984; Santos; Castro, 1998). A terceira definição descreve o estresse como um processo que abrange acontecimentos estressores e respostas ao conflito, adicionando a relação entre a pessoa e o meio que a envolve, promovendo interações contínuas e adaptações que são consideradas como trocas ou transações entre o meio e o indivíduo (Santos; Castro, 1998). Nesta pesquisa, utiliza-se esta terceira visão e, portanto, busca-se analisar o fenômeno a partir de uma abordagem que analisa diferentes fatores no processo de geração de estresse em docentes do curso de Ciências Contábeis no país.

Nesta perspectiva, Selye (1936) explica que o estresse se comporta em três fases sucessivas: alarme, resistência e esgotamento. Contudo, ele pode ser encontrado em qualquer uma de suas fases, visto que suas manifestações ocorrem de maneira distinta ao longo do tempo. Dessa forma, não é obrigatório que as três fases aconteçam para gerar o estresse, podendo levar à exaustão e até mesmo à morte (Ferreira, 2018).

A primeira fase corresponde ao alarme e acontece quando há o primeiro contato com o agente estressor, podendo ser de forma consciente ou não (Ferreira, 2018; Filgueiras; Hippert, 1999; Santos; Castro, 1998; Silva et al., 2018). A segunda fase, a de resistência, consiste na adaptação aos agentes estressores. Essa etapa é caracterizada por fatores como ansiedade, isolamento social, impotência sexual, nervosismo, falta ou apetite exagerado e medo (Silva et al., 2018). O organismo trabalha intensamente para garantir a sobrevivência e a adaptação, tentando se reequilibrar e voltar ao estado original. Quando o equilíbrio não é restabelecido, inicia-se a última fase, a de exaustão (Santos; Castro, 1998).

A fase de exaustão ou esgotamento ocorre quando os estressores se tornam crônicos, e os mecanismos de adaptação começam a sobrecarregar, fazendo com que as energias se deteriore. É nesse ponto que aparecem problemas mais sérios, como as doenças cardíacas e respiratórias, os quadros de depressão e os sintomas gastrointestinais. Nesse estágio, o organismo pode não resistir à

sobrecarga, levando o indivíduo à morte (Linch; Guido, 2011; Santos; Castro, 1998; Silva et al., 2018).

A maneira como os indivíduos reagem às consequências físicas, psicológicas e comportamentais depende da sua própria condição de saúde, personalidade, apoio social, e capacidade de lidar com as situações (Byers, 1987). A capacidade de enfrentamento dos sujeitos, mediante situações adversas, influencia sua habilidade de lidar com os obstáculos ao longo da vida (Lazarus; Folkman, 1984).

Contudo, o estresse também pode gerar benefícios ao ser humano, visto que, quando o indivíduo reage bem diante de determinado desafio, surge o eustresse, que representa uma resposta positiva à determinada demanda levando a pessoa a ser mais proativa, criativa e produtiva em suas respostas adaptativas (Nascimento, 2017; Vasconcellos, 2017). Porém, quando a resposta a esses estímulos é negativa, acontece o distresse, que é a ocorrência de uma resposta adaptativa inadequada, ocasionando problemas para os indivíduos (Vasconcellos, 2017) como os reportados anteriormente.

No fenômeno do eustresse, as alterações provocadas pela alta carga de estresse afetam o corpo e influenciam psicologicamente os indivíduos, ocasionando problemas como insônia, ansiedade, tensão, dificuldades interpessoais, excesso de preocupação e dificuldade de concentração (Rodrigues; Santos, 2016). Na perspectiva cognitiva, o estresse ocorre a partir da percepção do indivíduo de que determinada tarefa ou situação supera sua capacidade de adaptação (Lazarus; Folkman, 1984). Isto ocorre quando a experiência com o agente estressor extrapola o nível de competência disponível para o enfrentamento da situação.

Essas alterações cognitivas afetam a qualidade de vida do indivíduo e suas ocupações laborais. A partir dessa perspectiva, surge o estresse ocupacional, que ocorre quando as atividades requisitadas no trabalho são superiores à capacidade de resposta do indivíduo. Essa exigência causa sofrimento psíquico, ansiedade, distúrbios de humor e de sono, além de diversas outras alterações comportamentais (Alvim et al., 2019; Dias et al., 2016).

Adicionalmente, de acordo com Silva et al. (2018), as condições precárias de trabalho de determinadas organizações desempenham papel fundamental na percepção do estresse laboral. Para os autores, isso se dá devido ao excesso de carga de trabalho, à ineficiência da divisão do trabalho, à escassez de recursos e aos problemas com a infraestrutura. Tais fatores afetam o bem-estar do indivíduo, gerando um descompasso entre as atividades prescritas e as realizadas.

Na atividade docente, esses fatores não são diferentes. De acordo com a literatura, a atividade docente é uma das mais estressantes e tem desencadeado uma série de problemas de saúde física e

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil mental destes profissionais (Chaplain, 2008; Herman et al., 2018; Johnson; Richards, 1983; Russell et al., 1987). O estresse do trabalho proveniente da atividade docente pode ser definido como uma experiência emocional negativa desencadeada pela autopercepção do professor de que sua situação de trabalho é uma ameaça ao seu bem-estar e à sua autoestima (Martins, 2007).

Segundo Silva e Silva (2024), isso ocorre porque a profissão docente vai muito além de ministrar aulas. Ela envolve também a elaboração de planos de ensino, a definição de estratégias de avaliação, a correção de trabalhos, o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos, o acompanhamento da participação, da frequência e do rendimento escolar dos alunos, além da participação em reuniões pedagógicas, influenciando na percepção de estresse docente.

A exposição prolongada a agentes estressores leva os professores a desenvolverem problemas relacionados à saúde física (erupções cutâneas, doenças cardiovasculares) e mental (mudanças comportamentais, reações psicológicas, pânico e fobias) (Punch; Tuettmann, 1990). Alguns dos fatores relatados na literatura como estressores na profissão docente estão relacionados à carga horária excessiva (Chaplain, 2008; Goldenberg; Waddell, 1990; Greenglass et al., 2003; Kyriacou, 2001); duplicidade de papéis (Goldenberg; Waddell, 1990; Kyriacou, 2001); mau comportamento dos alunos (Chaplain, 2008; Greenglass et al., 2003; Skaalvik; Skaalvik, 2015); relações interpessoais (Betoret, 2009; Fernet et al., 2012; Friedman, 1995; Hakanen et al. 2006; Klassen; Chiu, 2010; Kokkinos, 2007; Kyriacou, 2001; Skaalvik; Skaalvik, 2009); demandas por prazos, sobrecarga de trabalho e dupla jornada (Kyriacou, 2001; Nascimento, 2017).

Essa percepção de que o trabalho é uma ameaça pode despertar nos docentes problemas pessoais provenientes da diminuição da satisfação com a vida ou com o aumento dos sintomas envolvendo o estresse (Blackburn et al., 1986). Em um contexto extremo, o estresse prolongado pode acarretar a ausência do trabalho e até mesmo o abandono físico ou psicológico no ambiente laboral (Watts; Short, 1990). Por fim, fatores organizacionais nas instituições de ensino também podem influenciar na percepção de estresse pelos professores, com destaque para o relacionamento entre pares e com os discentes (Santos et al., 2023; Skaalvik; Skaalvik, 2015).

Pesquisas Anteriores sobre o Tema

Gmelch et al. (1984) pesquisaram o estresse docente em instituições de doutorado nos Estados Unidos, aplicando um questionário a 1.812 professores. Constataram que 60% dos docentes relataram que o estresse de suas vidas era proveniente do trabalho. Para os autores, a maioria dos dez estressores identificados estavam relacionados ao tempo e/ou restrição de recursos. Além disso, os professores

relataram graus semelhantes de estresse relacionado às funções de ensino, pesquisa e atividades administrativas, porém a atividade de ensino foi apontada como a mais estressante.

O estudo de Johnson et al. (2005) comparou o estresse em diferentes ocupações na Inglaterra. Nesta investigação, foram analisadas as variáveis relacionadas com o bem-estar psicológico, a saúde física e a satisfação no trabalho em atividades referentes a vinte e seis ocupações. Dessas, seis foram identificadas como tendo piores notas que a média geral, demonstrando que são mais estressantes em relação ao bem-estar físico e psicológico e apresentando níveis baixos de satisfação no trabalho. As atividades mais estressantes são as realizadas por trabalhadores em ambulâncias, professores, serviços sociais, telemarketing, agentes penitenciários e policiais.

Skaalvik e Skaalvik (2015) pesquisaram docentes noruegueses ativos e inativos e classificaram seis categorias de estressores na maioria dos docentes, a saber: carga de trabalho e pressão de tempo; adaptação do ensino às necessidades dos alunos; comportamento perturbador dos alunos; conflitos de valores e falta de autonomia; trabalho em equipe e falta de *status*. Os autores observaram, ainda, que, apesar de os professores estarem expostos aos mesmos estressores, os profissionais mais velhos apresentavam maiores dificuldades em se recuperar de episódios estressantes.

Soares et al. (2019) pesquisaram sobre os fatores que aumentam os níveis de estresse em 222 docentes da Universidade Federal de Viçosa/MG. Os resultados evidenciaram que os docentes têm acumulado muitas atividades, tais como ensino, pesquisa, extensão e administrativa, e isso tem prejudicado sua vida social, como convívio com a família, realização de atividades físicas e lazer, além de ter aumentado o nível de estresse.

Nascimento et al (2021) identificaram e analisaram a influência que os níveis de demanda, controle e suporte exercem sobre o estresse autorelatado pelos docentes do curso de Ciências Contábeis das instituições superiores do Brasil. O estudo contou com uma amostra de 614 professores que indicaram a percepção de estresse por meio do Teacher Stress Inventory, e de demanda, controle e suporte emocional com o Job Demand-Control-Support. Os resultados evidenciaram que o suporte e o controle contribuem, de forma significativa para diminuir o estresse percebido pelos professores. Contudo, as demandas presentes nas IES contribuem para majorar o estresse.

Jakubowski e Sitko-Dominik (2021) pesquisaram a relação entre a educação a distância e o bem-estar dos docentes, suas relações próximas e outras relações sociais durante as duas primeiras ondas da COVID-19. A amostra foi composta por 285 docentes do ensino fundamental e médio Polônês. Os resultados evidenciaram que os docentes experimentaram pelo menos níveis leves de estresse, ansiedade e depressão tanto na primeira onda, quanto na segunda onda de pandemia.

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil Robinson et al. (2023) analisaram o estresse dos professores de escolas primárias americanas no enfrentamento da COVID-19. O estudo examinou as experiências vividas pelos docentes do ensino fundamental durante a pandemia à medida que o ensino se deslocava entre remoto, híbrido e presencial, e as principais mudanças nas demandas pedagógicas impostas pela COVID-19. As descobertas sugerem que os docentes experimentaram estresse relacionado às suas funções pessoais e profissionais, preocupações com o bem-estar dos estudantes que se estenderam além dos acadêmicos, e frustrações com a administração. Para os autores, sem o apoio social adequado e a inclusão das perspectivas dos docentes, o estresse relacionado ao trabalho pode levar à escassez docente, além de deterioração da sua saúde mental, e como consequência piora nos resultados dos discentes.

Santos et al. (2023) analisaram os efeitos do suporte organizacional, da autoeficácia na identificação organizacional, na identidade profissional e no estresse percebido dos professores dos cursos de Ciências Contábeis das instituições de ensino superior federais. O estudo contou com uma amostra de 81 respostas obtidas por meio de questionário com questões sobre o contexto da pandemia da COVID-19. Os resultados demonstraram que o suporte organizacional, e a autoeficácia influenciam positivamente a identidade profissional, mesmo em momento de isolamento social. Contudo, essas variáveis foram indiferentes ao nível de estresse percebido.

Nascimento et al (2024) se propuseram a identificar como ocorreu a adaptação de 129 professores universitários e seus níveis de estresse e ansiedade durante a pandemia da COVID-19. Perceberam que, aproximadamente, três em cada quatro professores da amostra passaram pelo transtorno de ajustamento durante o período de coleta, e um em cada dois apresentaram nível de ansiedade-estado alto. Nesse sentido, verificaram-se os seguintes fatores associados à probabilidade de não estarem adaptados à pandemia: ser mulher, estar casado, e a forma negativa com que percebem o cotidiano após tantas restrições e riscos. Entretanto, foram verificados fatores que puderam contribuir com o ajustamento dos professores, como: tempo de docência, percepção positiva sobre o estado de saúde física, e não utilização de substâncias, como álcool, cigarro, medicamentos e outras.

Yousaf et al. (2025) investigaram o papel da demanda no desempenho profissional de 293 professores de universidades privadas em Lahore, Paquistão, com foco nos papéis mediadores do Bem-Estar Psicológico (BEP), ansiedade e depressão, e o papel moderador do apoio social, considerando a Teoria da Demanda-Recursos no Trabalho como base. Os resultados mostraram que o BEP, a ansiedade e a depressão atuam como mediadores na relação entre as demandas do trabalho e o desempenho profissional. O estudo indicou, ainda, que o apoio social modera os efeitos das

demandas do trabalho sobre a ansiedade e a depressão e modera também a relação entre as demandas do trabalho e o bem-estar mental.

Como é possível observar, as pesquisas relatadas destacam diversos aspectos relacionados ao estresse docente. Entre os principais achados, estão os estressores ligados à gestão do tempo e à restrição de recursos, à desmotivação dos alunos, às pressões por prazos, além de variáveis que afetam o bem-estar psicológico, a saúde física e a satisfação no trabalho.

Procedimentos Metodológicos

A metodologia desta pesquisa caracteriza-se quanto aos objetivos pretendidos, como descritiva, visto que foi identificada e analisada a percepção de estresse docente em professores dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. Quanto à abordagem do problema, esta pesquisa caracteriza-se como quantitativa. Em relação aos procedimentos, esta pesquisa apresenta-se como uma *survey* (Martins; Theóphilo, 2009).

O instrumento de coleta de dados contou com duas partes. A primeira constituída pelo perfil sociodemográfico dos respondentes e a segunda com a escala *Teacher Stress Inventory* (TSI) de Boyle et al. (1995), traduzida e validada para o português por Nascimento (2017). A escala contém 26 itens para os quais os respondentes deveriam apresentar o nível de concordância de 1 a 5, sendo o menor valor indicando a discordância completa e o maior valor a concordância completa. Os itens do TSI foram distribuídos em cinco dimensões do estresse, a saber: Mau Comportamento dos Estudantes (MCE), Carga de Trabalho (CT), Reconhecimento Profissional (RP), Ausência de Recursos (AR) e Relações com Colegas de Trabalho (RC). A escolha das cinco dimensões de estresse docente propostas por Boyle et al. (1995) justifica-se pela solidez empírica e metodológica que sustenta seu modelo.

A população do estudo foi formada por docentes de instituições de ensino superior do Brasil que possuem o curso de Ciências Contábeis e que apresentavam e-mail disponível no site das instituições. Nesse sentido, foram identificados 1.614 docentes, para os quais foram encaminhados, via e-mail, o instrumento de coleta de dados, após a aprovação do comitê de ética e da realização do pré-teste, conforme orientações metodológicas de Martins e Theóphilo (2009). Após o período de aplicação, que foi realizado no segundo semestre de 2021, com questionário disponibilizado em meio eletrônico pela plataforma Google Forms®, a amostra final do estudo ficou composta por 248 respondentes com questionários válidos (15,36% da população).

Além dos construtos relacionados com o nível de estresse dos docentes, o instrumento da pesquisa coletou diversas informações dos respondentes. No Quadro 1 encontra-se apresentado o

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil conjunto de variáveis construídas pela pesquisa a partir do questionário da investigação. Para todas, estão apresentadas as descrições, mensuração e literatura que serviu de sustentação teórica nas análises realizadas.

Quadro 1 - Variáveis utilizadas no estudo

Código	Descrição	Mensuração	Literatura
EE	Escore de estresse	Representada pela média das notas obtidas para todas as sentenças do TSI	Garcia e Benevides-Pereira (2003); Gmelch et al. (1986); Silva et al. (2018)
AR	Ausência de recursos	Representada pela média da pontuação atribuída pelos respondentes para as sentenças de ausência de recursos do TSI	Boyle et al., (1995); Friedman (1995); Hakanen et al., (2006); Gmelch et al., (1984)
MCE	Mau comportamento dos estudantes	Representada pela média da pontuação atribuída pelos respondentes para as sentenças de mau comportamento dos estudantes do TSI	Boyle et al., (1995); Fernet et al., (2012); Kokkinos (2007); Skaalvik e Skaalvik (2014)
CT	Carga de trabalho	Representada pela média da pontuação atribuída pelos respondentes para as sentenças de carga de trabalho do TSI	Fernet et al., (2012); Friedman (1995); Gmelch et al., (1984); Goldenberg e Waddell (1990); Greenglass et al. (2003); Klassen e Chiu (2010); Kokkinos (2007); Skaalvik e Skaalvik (2009); Skaalvik e Skaalvik (2015)
RP	Reconhecimento profissional	Representada pela média da pontuação atribuída pelos respondentes para as sentenças de reconhecimento profissional do TSI	Betoret (2009); Boyle et al., (1995); Friedman (1995); Skaalvik e Skaalvik (2009); Skaalvik e Skaalvik (2014)
RC	Relações com os colegas	Representada pela média da pontuação atribuída pelos respondentes para as sentenças de relação com os colegas do TSI	Boyle et al., (1995); Friedman (1995); Skaalvik e Skaalvik (2014)
Ida	Idade	Variável quantitativa discreta	Gmelch et al. (1986); Fontes et al. (2010)
Gen	Gênero	Variável <i>dummy</i> , se masculina 0, se feminina 1	Chaplain (2008); Garcia e Benevides-Pereira (2003); Gmelch et al. (1986); Kataoka et al. (2014); Klassen e Chiu (2010)
EC	Estado Civil	Variável <i>dummy</i> , se casado/união estável 1, demais condições 0	Gmelch et al. (1986)
SE	Região Sudeste	Variável <i>dummy</i> , 1 para Região Sudeste, 0 para demais condições	Adicionado pela pesquisa
SL	Região Sul	Variável <i>dummy</i> , 1 para região sul, 0 para demais condições	Adicionado pela pesquisa
CO	Região Centro Oeste	Variável <i>dummy</i> , 1 para Região Centro Oeste, 0 para demais condições	Adicionado pela pesquisa
NO	Região Norte	Variável <i>dummy</i> , 1 para região Norte, 0 para demais condições	Adicionado pela pesquisa
NE	Região Nordeste	Variável <i>dummy</i> , 1 para região Nordeste, 0 para demais condições	Adicionado pela pesquisa
NDE	Quantidade de filhos/dependentes	Variável quantitativa discreta	Nascimento (2017); Oliveira e Cardoso (2011); Souza et al. (2013);
TA	Turno de Atuação	Variável <i>dummy</i> que recebeu o valor 1 se noturno e 0 se diurno	Gillespie et al. (2001); Kataoka et al. (2014)

VI	Vínculo institucional (servidor público ou funcionário privado)	Variável <i>dummy</i> que recebeu o valor 1 se privada e 0 se pública	Gillespie et al. (2001); Kataoka et al. (2014)
MQ	Maior titulação	Variável <i>dummy</i> , 1 se Doutorado, 0 caso contrário	Nascimento (2017); Tian e Lu (2017)
ED	Experiência em docência (em anos)	Variável quantitativa discreta	Gillespie et al. (2001); Kataoka et al. (2014)
NS	Nível de satisfação em relação à profissão	Evidencia o nível de satisfação do docente em relação a profissão	Alvim et al. (2019); Antoniou et al. (2013); Betoret (2009); Gillespie et al. (2001); Gmelch et al. (1986); Skaalvik e Skaalvik (2015)
NESDP	Nível de estresse durante a pandemia	Nota atribuída pelos respondentes sobre a autopercepção de estresse durante a pandemia	Jakubowski e Sitko-Dominik (2021); Robinson et al. (2023); Santos et al. (2023)
NEFDP	Nível de autoeficácia durante a pandemia	Nota atribuída pelos respondentes sobre a autopercepção de eficácia durante a pandemia	Santos et al. (2023)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para estratificar os achados das respostas contidas nos questionários, técnicas estatísticas foram utilizadas. Para a análise e a interpretação dos resultados, foram utilizadas ferramentas de estatística descritiva univariada e multivariada. Segundo Fávero e Belfiore (2020), as informações contidas em um conjunto de dados podem ser resumidas em medidas de resumo (média, mediana), tendência central (moda), medidas de dispersão (desvio padrão), coeficiente de correlação, *Alfa Cronbach* e regressão linear múltipla, para analisar e interpretar os resultados.

Sendo assim, um modelo de regressão linear múltipla foi gerado para verificar a relação nível de estresse percebido com os fatores de estresse nos quais incluem AR (Ausência de recursos), CT (Carga de trabalho), MCE (Mau comportamento de estudantes), RP (Reconhecimento profissional) e RC (Relação com colegas), além de variáveis de controle relacionadas com as características dos participantes. A Equação 1 apresenta o modelo estimado. As siglas apresentadas encontram-se descritas no Quadro 1.

$$EE_i = \beta_0 + \beta_1 IDA_i + \beta_2 GEN_i + \beta_3 EC_i + \beta_4 SL_i + \beta_5 CO_i + \beta_6 NO_i + \beta_7 NE_i + \beta_8 NDE_i + \beta_9 VA_i + \beta_{10} VI_i + \beta_{11} MQ_i + \beta_{12} ED_i + \beta_{13} NS_i + \beta_{14} NESDP_i + \beta_{15} NEFDP_i + \varepsilon_i \quad [\text{Equação 1}]$$

Destaca-se que a pesquisa foi registrada e aprovada por meio da plataforma Brasil sob o número CAAE 48145421.6.0000.5149, antes da aplicação do instrumento.

Análise e Discussão dos Resultados

A amostra desta pesquisa foi composta por 248 docentes que responderam ao questionário disponibilizado em meio eletrônico pela plataforma Google Forms®. A amostra apresenta 57% dos docentes do gênero masculino, 74% casados, 87% lecionando no turno noturno, 56% mantendo vínculo institucional com o setor público, 42% com doutorado, 68% trabalhando em regime de até 20 horas semanais, 52% exercendo outra atividade além da docência, 75% dedicando até 20 horas semanais nessas outras atividades e 53% exercendo a atividade de gestão. A idade média dos docentes foi de 46 anos. Por fim, a experiência média dos participantes como docentes foi de 15 anos.

Na Tabela 1 encontra-se evidenciada a estatística descritiva dos fatores de estresse docente. É importante destacar que o Escore de Estresse (EE) foi construído com base em todas as demais categorias de estresse existentes no instrumento aplicado pela pesquisa (média dos valores obtidos na AR, CT, MCE, RC e RP, conforme descrições apresentadas no Quadro 1). Dessa forma, a EE apresentou mediana de 0,5529, em uma escala de zero a um. O valor máximo para essa variável foi de 0,9615 e o valor mínimo exatamente igual a zero.

Quando analisados por componente do Escore de Estresse (EE), pode-se notar que a Carga de Trabalho (CT) foi a categoria com maior mediana obtida, igual a 0,6250. Em seguida, a categoria de Reconhecimento Profissional (RP) e Mau Comportamento do Estudante (MCE), com medianas de 0,5500 e 0,5417, respectivamente. Adicionalmente, quando se consideram os componentes da EE, nota-se que os valores máximos e mínimos obtidos para cada categoria representam os extremos da escala empregada, indicando que pelo menos um dos participantes do estudo apontou o mínimo e máximo de estresse permitido nesta forma de mensuração. Contudo, ao analisar as medidas obtidas para o Escore de Estresse (EE) pode-se notar que nenhum respondente obteve valor total em todas as categorias ao mesmo tempo, uma vez que o valor máximo dessa variável foi de 0,9615.

Tabela 1 - Estatística descritiva de fatores de estresse

<i>Estatística</i>	<i>EE</i>	<i>AR</i>	<i>CT</i>	<i>MCE</i>	<i>RC</i>	<i>RP</i>
Mediana	0,5529	0,5250	0,6250	0,5417	0,5000	0,5500
Média	0,5363	0,5157	0,5875	0,5234	0,4899	0,5478
Moda	0,6058	0,4500	0,7500	0,7083	0,5000	0,8500
Desvio Padrão	0,2192	0,2719	0,2562	0,2697	0,2567	0,2245
Mínimo	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000	0,0000
Máximo	0,9615	1,0000	1,0000	1,0000	1,0000	1,0000
Coefficiente de Variação	40,88%	52,72%	43,61%	51,53%	52,40%	40,99%

Fonte: Dados da pesquisa.

De uma forma geral, os dados apresentados na Tabela 1 indicam, ainda, que os docentes participantes do estudo apresentam níveis significativos de estresse. Isso porque, todos os construtos analisados apresentaram médias e medianas acima de 0,5, em uma escala que poderia variar de zero a um. Esse resultado corrobora com pesquisas anteriores que já destacaram a existência de cargas elevadas de estresse na atuação docente em diferente contextos e momentos (Johnson et al., 2005; Santos et al., 2023; Skaalvik; Skaalvik, 2015). Não obstante, é importante destacar que o coeficiente de variação dos construtos mostrou-se elevado para a amostra do estudo, o que indica uma variabilidade significativa na percepção de estresse dos docentes que participaram da pesquisa.

Para analisar as diferenças entre os valores apresentados em cada escala por características dos indivíduos, realizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney (WMW). A utilização do referido teste se deve à verificação da ausência de normalidade dos dados encontrados pela aplicação do teste de Jarque-Bera. Na Tabela 2 encontram-se apresentados os resultados inerentes à aplicação do teste de WMW com vistas a evidenciar a existência de diferenças estatisticamente significativas para as variáveis do estresse que integram o conjunto de dados em análise para as categorias: Gênero, Estado Civil, Turno de Atuação, Vínculo Institucional e Região Sudeste. Para essas variáveis, houve significância estatística para, pelo menos, um construto de estresse ao nível de significância de 1%, 5% ou 10%.

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil

Tabela 2 - Teste não paramétrico de Wilcoxon-Mann-Whitney [N=248]

<i>EE</i>	<i>EE</i>	<i>AR</i>	<i>CT</i>	<i>MCE</i>	<i>RC</i>	<i>RP</i>
Gênero						
<i>Estatística Z</i>	-4,703***	-3,759***	-5,46***	-3,527***	-3,497***	-3,381***
<i>P- Valor</i>	0,000	0,0002	0,0000	0,0004	0,0005	0,0007
Estado Civil						
<i>Estatística Z</i>	1,465	1,734*	1,452	0,096	0,459	2,039**
<i>P- Valor</i>	0,1430	0,0830	0,1464	0,9234	0,6465	0,0415
Turno de Atuação						
<i>Estatística Z</i>	-0,882	-1,372	0,057	-0,262	-0,098	-1,786*
<i>P- Valor</i>	0,3776	0,1701	0,9542	0,7931	0,9219	0,0742
Vínculo Institucional						
<i>Estatística Z</i>	-0,168	0,379	-1,125	-0,303	4,01***	-2,146**
<i>P- Valor</i>	0,8667	0,7046	0,2608	0,7619	0,0001	0,0319
Região Sudeste						
<i>Estatística Z</i>	-287***	-3,062***	-2,14**	-0,431	-2,702**	-3,617***
<i>P- Valor</i>	0,0041	0,0022	0,0323	0,6662	0,0069	0,0003

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: Significância estatística ao nível de *10%, **5% e ***1%.

Pela análise da Tabela 2, os resultados obtidos para o gênero dos participantes indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas em relação a todas as categorias de estresse analisadas no estudo. Para o Estado Civil, em contrapartida, foi possível verificar a existência de diferenças significativas apenas em relação às categorias de Ausência de Recursos (AR) e Reconhecimento Profissional (RP). No que se refere ao Turno de Atuação (TA) dos professores, verificou-se que somente a categoria de estresse Reconhecimento Profissional (RP) mostrou-se estatisticamente diferente para os grupos (atuação diurna ou noturna). Em relação ao Vínculo Institucional (VI), que pode ser público ou privado, percebeu-se a existência de diferenças estatisticamente significativas para as categorias de estresse Relações com os Colegas (RC) e Reconhecimento Profissional (RP). Por fim, o teste realizado entre os docentes localizados no Sudeste em comparação com as demais regiões, permitiu apontar diferenças estatisticamente significativas para as categorias de estresse de Ausência de Recursos (AR), Carga de Trabalho (CT), Relações com os Colegas (RC) e Reconhecimento Profissional (RP).

Nesse contexto, os achados obtidos pelos testes não paramétricos realizados corroboram, portanto, com as evidências da literatura que indicam que o fenômeno do estresse na atuação docente é multifacetado, relacionando-se com diferentes fatores, os quais são dependentes do contexto no qual os indivíduos estão inseridos (Herman et al., 2018; Kyriacou, 2001). Isso ficou evidente, por exemplo, para os resultados obtidos para as variáveis gênero e estado civil dos participantes, os quais podem

sinalizar que o estresse percebido na atuação docente também está atrelado com os outros papéis desempenhados pelos indivíduos na sociedade (Chaplain, 2008). Além disso, os achados para as variáveis do vínculo institucional e turno de atuação deixam claro, ainda, que fatores relacionados com a própria instituição e organização do curso podem impactar no tipo de estresse que é percebido pelos professores (Nascimento, 2017). Por fim, os resultados do teste WMW indicam, ainda, que as questões regionais também podem estar relacionadas com a carga de estresse percebida, o que pode guardar uma relação direta com fatores culturais e contextuais dessas localidades.

Na Tabela 3 estão apresentados os resultados obtidos pela regressão estimada entre a variável dependente Escore de Estresse (EE) e as independentes descritas anteriormente na Equação 1.

Tabela 3 - Modelos de regressão linear múltipla para o Escore de Estresse (EE) [N=248]

<i>Variável Dependente EE</i>		
<i>Variáveis Independentes</i>	<i>Coefficientes</i>	<i>P-valores</i>
Ida	-0,001	0,6990
Gen	0,070***	0,0030
EC	0,013	0,6580
SL	-0,050*	0,0630
CO	-0,094**	0,0300
NO	-0,019	0,6920
NE	-0,0217	0,5310
NDE	-0,018	0,1040
TA	0,019	0,5930
VI	0,023	0,3790
MQ	0,044*	0,0960
ED	0,002	0,4470
NS	-0,401***	0,0000
NESDP	0,349***	0,0000
NEFDP	0,024	0,7210
CONST	0,361**	0,0090
<i>Testes de validação dos modelos propostos</i>		
<i>VIF</i>	1,59	
<i>Reset</i>	2,58	
<i>Breusch- Pagan</i>	0,06	
<i>Jarque-Bera</i>	1,30	
<i>R²</i>	43%	
<i>Wald</i>	10,99***	

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: Significância estatística ao nível de *10%, **5% e ***1%.

Como é possível notar, as variáveis relacionadas com o Gênero (Gen), Maior Qualificação (MQ), Nível de Satisfação (NS), Nível de Estresse Durante a Pandemia (NESDP) e as *dummies* para a região Sul (SL) e Centro-Oeste (CO) apresentaram significância estatística ao nível de 1%, 5% e 10% na explicação da variação do Escore de Estresse (EE), *proxy* construída a partir do TSI. As demais variáveis não mostraram significância estatística nos parâmetros definidos pela pesquisa não possibilitando análises adicionais. Em conjunto, o modelo estimado (vide Equação 1) apresentou um poder explicativo de 43% da variação do Escore de Estresse (EE).

De uma forma geral, portanto, os achados da pesquisa mostram que as mulheres da amostra, comparativamente aos homens, apresentaram maiores índices de estresse, podendo esse fato estar relacionado à ambiguidade e multiplicidade de papéis desempenhados pelas participantes do gênero feminino na sociedade (Greenglass et al., 2003). Essa inferência se mostra possível de ser realizada uma vez que o coeficiente obtido para a variável “Gen” na regressão foi positivo e estatisticamente significativo a 1%. Além disso, no teste não paramétrico empregado, o Escore de Estresse (EE) e todas as suas categorias mostraram-se diferentes para os grupos da variável “Gen”. Esses achados vão ao encontro com os achados Chaplain (2008) que indicou maiores percepções de estresse entre as docentes, possivelmente devido aos níveis mais elevados de carga de trabalho geral fora do ambiente acadêmico.

Os docentes de maior qualificação da amostra também apresentaram, em média, índices mais elevados de estresse, já que o coeficiente obtido para a variável “MQ” foi positivo e estatisticamente significativo a 10%. Essa evidência pode estar relacionada com as responsabilidades assumidas por profissionais que possuem o título de doutorado dentro das instituições de ensino, tais como pesquisa, extensão, orientações, trabalhos administrativos, entre outras possibilidades (Tian; Lu, 2017), além da atuação na pós-graduação *stricto sensu*, que por si só já embute uma carga maior de trabalho e de responsabilidade. Quanto maior a carga de trabalho percebida pelos profissionais, maior tende a ser a chance de apresentarem níveis elevados de estresse, já que diversas pressões de trabalho passam a estar mais presentes.

A variável relacionada com o Nível de Satisfação (NS) apresentou sinal negativo, indicando que quanto maior a satisfação com a profissão, menor tende a ser o nível de estresse percebido. Essa evidência sugere que a satisfação com a profissão pode representar um importante mecanismo de defesa para os docentes, conforme já destacado pela literatura (Skaalvik; Skaalvik, 2015). Estar motivado e satisfeito com a atuação e ambiente de trabalho pode fazer com que o indivíduo perceba

um maior sentido nas atividades realizadas, reduzindo a sensação de estresse no dia a dia de sua atuação profissional.

Corroborando com os achados do teste não paramétrico WMW, as variáveis relacionadas com as regiões Sul (SL) e Centro-Oeste (CO) também apresentaram sinal negativo para o construto Escore de Estresse (EE). Nesses casos, como a variável de referência foi o Sudeste (SE), pode-se inferir que, em média, os participantes do Sul (SL) e Centro-Oeste (CO) apresentam menor carga de estresse na atuação docente, em comparação com os participantes do Sudeste (SE), o que pode refletir as diferenças culturais e de mercado existentes nas regiões brasileiras as quais podem impactar no dia a dia do trabalho dos docentes e, consequentemente, na percepção de estresse desses profissionais.

Por fim, os docentes que evidenciaram um maior nível de estresse durante a pandemia apresentaram, em média, maiores níveis do Escore de Estresse (EE), visto que o coeficiente encontrado para a variável que mensura o fenômeno foi positivo e estatisticamente significativo ao nível de 1%. Essa relação diretamente proporcional entre os constructos pode ser o reflexo do período em que os dados foram coletados (segundo semestre de 2021), indicando que o estresse vivenciado pela pandemia ainda estava presente na vida dos participantes do estudo, sinalizando para um período prolongado de estresse, o que representa um risco para o abandono laboral (Watts; Short, 1990).

Considerações Finais

O estado emocional do indivíduo baliza como as adversidades são encaradas e como os desafios são vivenciados no dia a dia. Os docentes enfrentam situações que vão desde sobrecarga de trabalho, dupla jornada e demanda por prazos, até alunos com dificuldades de aprendizado e mau comportamento, além de conflitos ao lidar com colegas e superiores. Nesse contexto, o presente estudo buscou identificar os fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis no Brasil. Para isso, foram mensuradas diversas categorias de estresse docente, a saber: Ausência de Recursos (AR), Carga de Trabalho (CT), Mau Comportamento do Estudante (MCE), Relação com Colegas (RC) e Reconhecimento Profissional (RP), além do Escore de Estresse (EE) geral. A partir de aplicação de um questionário online em 248 docentes de cursos de Ciências Contábeis do país, foi possível levantar algumas evidências.

Entre os principais achados, foi possível concluir que, para o contexto da amostra do estudo, as docentes do gênero feminino apresentam, em média, maiores níveis de estresse para todas as categorias analisadas. Essa diferença na percepção de estresse encontrado no gênero feminino pode estar relacionada a uma maior carga de trabalho fora do mercado, evidenciando que as mulheres precisam equilibrar os papéis de trabalho e família.

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil

Os participantes do estudo com doutorado também mostraram maiores níveis de estresse, o que pode indicar uma relação direta com as demandas extras esperadas para os docentes com esse nível de qualificação nas instituições de ensino. Os resultados do estudo permitiram inferir, ainda, que o nível de satisfação com a profissão representou um fator redutor do nível de estresse dos participantes deste estudo. Nesse sentido, docentes mais motivados e satisfeitos com a sua atuação profissional mostraram, em média, menores níveis de estresse.

Os resultados da investigação também indicam que questões regionais podem interferir no nível de estresse percebido pelos docentes que participaram da pesquisa. Isso porque, docentes da região Sul e Centro-Oeste apresentaram, em média, menores níveis de estresse, quando comparados com os docentes da região Sudeste. Entre os fatores que podem estar por trás dessa evidenciação estão questões diversas como concorrência entre instituições de ensino, demandas profissionais não acadêmicas e as influências de fatores externos à atuação laboral dos indivíduos (como níveis de segurança pública, trânsito e *status* social, por exemplo).

Este trabalho contribui significativamente com a comunidade acadêmica ao identificar fatores que influenciam o estresse entre docentes atuantes nos cursos de Ciências Contábeis. Com base nos achados, é possível delinear estratégias de enfrentamento do estresse docente, incluindo a formulação de políticas públicas voltadas às condições de trabalho, como a limitação da quantidade de alunos por turma, visando à melhoria da qualidade de vida desses profissionais e à preservação de sua saúde mental.

Recomenda-se, também, a implementação de programas institucionais de apoio psicológico e de desenvolvimento profissional contínuo, com foco em gestão do tempo, mediação de conflitos e práticas de autocuidado. Por fim, com o intuito de enfrentar os desafios relacionados ao comportamento e comprometimento dos discentes, é preciso que instituições e docentes estabeleçam regras claras e consistentes, criando rotinas que incentivem ações positivas e relações amistosas, promovendo um ambiente de respeito e apoio em sala de aula. Busquem trabalhar habilidades socioemocionais, como autocontrole, resolução de conflitos, empatia e comunicação assertiva, oferecendo feedback constante e, principalmente, trabalhando o envolvimento da família no processo educacional.

Uma limitação desta pesquisa diz respeito à ausência de análise das diferenças regionais, uma vez que cada localidade possui características acadêmicas e institucionais próprias, o que não foi contemplado no escopo deste estudo. Nesse sentido, sugere-se que futuras investigações adotem abordagens metodológicas múltiplas, como entrevistas em profundidade e estudos de caso, com o

objetivo de compreender de maneira mais abrangente os fatores regionais que influenciam a percepção do estresse docente.

Referências

- ALMEIDA, P. C. A. D. **Os saberes necessários à docência no contexto das reformas para a formação de professores: o caso da Psicologia da Educação**. 259f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/368518>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- ALVIM, A. L.; FERRAREZI, J. A. D. S.; SILVA, L. M.; FLORIANO, L. F.; ROCHA, R. L. P. Stress in higher education teachers. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 12, p. 32547-32558, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n12-318>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- ANTONIOU, A. S.; PLOUMPI, A.; NTALLA, M. Occupational Stress and Professional Burnout in Teachers of Primary and Secondary Education: The Role of Coping Strategies. **Psychology**, v. 4, p. 349-355, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4236/psych.2013.43A051>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- BAUM, A. Stress, intrusive imagery, and chronic distress. **Health Psychology**, v. 9, n. 6, p. 653–675, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.1990.01645>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BETORET, F. D. Self-Efficacy, School Resources, Job Stressors and Burnout among Spanish Primary and Secondary School Teachers: A Structural Equation Approach. **Educational Psychology**, v. 29, p. 45-68, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01443410802459234>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- BLACKBURN, R. T.; HOROWITZ, S. M.; EDINGTON, D. W.; KLOS, D. M. University faculty and administrator responses to job strains. **Research in Higher Education**, v. 25, n. 1, p. 31–41, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF00991876>. Acesso em 18 abr. 2024.
- BORIN, C. M. A.; NATALI, M. R. M. Estresse: síndrome dos tempos modernos. **Revista Arquivos do Museu Dinâmico Interdisciplinar**, v. 10, n. 1, p. 5-10, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/20406/10820>. Acesso em 18 abr. 2024.
- BOYLE, G. J.; BORG, M. G.; FALZON, J. M.; BAGLIONI, A. J. A structural model of the dimensions of teacher stress. **British Journal of Educational Psychology**, v. 65, n. 1, p. 49–67, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.2044-8279.1995.tb01130.x>. Acesso em 18 abr. 2024.
- BYERS, S. K. Organizational Stress: Implications for Health Promotion Managers. **American Journal of Health Promotion**, v. 2, n. 1, p. 21–27, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.4278/0890-1171-2.1.21>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- CARLOTTO, M. S.; DIAS, S. R. S.; BATISTA, J. B. V.; DIEHL, L. O papel mediador da autoeficácia na relação entre a sobrecarga de trabalho e as dimensões de Burnout em professores. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 13-23, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200102>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CHAPLAIN, R. P. Stress and psychological distress among trainee secondary teachers in England. **Educational Psychology**, v. 28, n. 2, p. 195–209, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01443410701491858>. Acesso em: 18 abr. 2024.

COYNE, J. C.; HOLROYD, K. Stress, Coping, and Illness. In: **Handbook of Clinical Health Psychology**. p. 103–127, 1982. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-4613-3412-5_6. Acesso em: 18 abr. 2024.

DIAS, F. M.; SANTOS, J. F. C.; ABELHA, L.; LOVISI, G. M. O estresse ocupacional e a síndrome do esgotamento profissional (burnout) em trabalhadores da indústria do petróleo: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 41, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000106715>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DURSO, S. O.; SOUSA, L. K. S. S. Saberes Docentes em Contabilidade: O Que Já Conhecemos Sobre Como Atuamos?. **Revista Paraense De Contabilidade**, v. 7, n. 1, p. 39-56, 2023. Disponível em: <https://crcpa.org.br/revistaparaense/index.php/crcpa/article/view/108>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FÁVERO, L. P. L.; BELFIORE, P. P. **Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com excel, SPSS e stata**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

FERNET, C.; AUSTIN, S.; VALLERAND, R. J. The effects of work motivation on employee exhaustion and commitment: an extension of the JD-R model. **Work & Stress: An International Journal of Work, Health & Organization**, v. 26, n. 3, p. 213-229, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02678373.2012.713202>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FERREIRA, J. M. P. **Modelo relacional de análise de percepções de injustiça, estresse ocupacional e retaliação em organizações: um estudo com jovens trabalhadores**. 392f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B6VETV>. Acesso em: 18 abr. 2024.

FILGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. S. A polêmica em torno do conceito de estresse. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 19, n. 3, p. 40-51, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931999000300005>. Acesso em: 07 mar. 2024.

FONTES, A. P.; NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. Enfrentamento de estresse no trabalho: relações entre idade, experiência, autoeficácia e agência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 3, p. 620-633, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300013>. Acesso em: 04 mar. 2024.

FRIEDMAN, I. A. Student Behavior Patterns Contributing to Teacher Burnout. **Journal of Educational Research**, v. 88, p. 281-333, 1995. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00220671.1995.9941312>. Acesso em: 17 mar. 2024.

GARCIA, L. P.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Investigando o burnout em professores universitários. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, v. 1, n. 1, p. 76-88, 2003.

GILLESPIE, N. A.; WALSH, M. H. W. A.; WINEFIELD, A. H.; DUA, J.; STOUGH, C. Occupational stress in universities: Staff perceptions of the causes, consequences and moderators of

stress. **Work & Stress: An International Journal of Work, Health & Organization**, v. 15, n. 1, p. 53-72, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02678370117944>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GMELCH, W. H.; LOVRICH, N. P.; WILKE, P. K. Sources of stress in academe: A national perspective. **Research in Higher Education**, v.20, n. 4, p. 477-490, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF00974924>. Acesso em: 24 mar. 2024.

GMELCH, W. H.; WILKE, P. K.; LOVRICH, N. P. Dimensions of stress among university faculty: Factor-analytic results from a national study. **Research in Higher Education**, v. 24, n. 3, p. 266-286, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF00992075>. Acesso em: 24 mar. 2024.

GOLDENBERG, D.; WADDELL, J. Occupational stress and coping strategies among female baccalaureate nursing faculty. **Leading Global Nursing Research**, v. 15, n. 5, p. 531-543, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.1990.tb01852.x>. Acesso em: 24 mar. 2024.

GREENGLASS, E. R.; BURKE, R. J.; MOORE, K. A. Reactions to increased workload: Effects on professional efficacy of nurses. **Applied Psychology: An International Review**, v. 52, n. 4, p. 580–597, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1464-0597.00152>. Acesso em: 24 mar. 2024.

HAKANEN, J. J.; BAKKER, A. B.; SCHAUFELI, W. B. Burnout and Work Engagement among Teachers. **Journal of School Psychology**, v. 43, p. 495-513, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jsp.2005.11.001>. Acesso em: 24 mar. 2024.

HERMAN, K. C.; HICKMON-ROSA, J. E.; REINKE, W. M. Empirically derived profiles of teacher stress, burnout, self-efficacy, and coping and associated student outcomes. **Journal of Positive Behavior Interventions**, v. 20, n. 2, p. 90-100, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1098300717732066>. Acesso em: 20 mar. 2024.

HINKLE, L. E. The Concept of “Stress” in the Biological and Social Sciences. **The International Journal of Psychiatry in Medicine**, v. 5, n. 4, p. 335-357, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.2190/91DK-NKAD-1XP0-Y4RG>. Acesso em: 16 nov. 2023.

IAOCHITE, R. T. **Autoeficácia de docentes de Educação Física**. 175f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2007.407613>. Acesso em: 13 nov. 2023.

JAKUBOWSKI, T. D.; SITKO-DOMINIK, M. M. Teachers’ mental health during the first two waves of the COVID-19 pandemic in Poland. **PloS One**, v. 16, n. 9, e0257252, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0257252>. Acesso em: 13 nov. 2023.

JOHNSON, R. A.; RICHARDS, R. R. The use of the nominal group technique to isolate teacher job stressors. **Children and Youth Services Review**, v. 5, n. 3, p. 289-300, 1983. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0190-7409\(83\)90033-6](https://doi.org/10.1016/0190-7409(83)90033-6). Acesso em: 13 nov. 2023.

JOHNSON, S.; COOPER, C.; CARTWRIGHT, S.; DONALD, I.; TAYLOR, P.; MILLET, C. The Experience of Work-Related Stress across Occupations. **Journal of Managerial Psychology**, v. 20, p. 178-187, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/02683940510579803>. Acesso em: 16 nov. 2023.

KATAOKA, M.; OZAWA, K.; TOMOTAKE, M.; TANIOKA, T.; KING, B. Occupational stress and its related factors among university teachers in Japan. **Health**, v. 6, n. 5, p. 299-305, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4236/health.2014.65043>. Acesso em: 24 abr. 2023.

KLASSEN, R. M.; CHIU, M. M. Effects on teachers' self-efficacy and job satisfaction: Teacher gender, years of experience, and job stress. **Journal of Educational Psychology**, v. 102, n. 3, p. 741–756, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0019237>. Acesso em: 24 abr. 2023.

KOKKINOS, C. M. Job Stressors, Personality and Burnout in Primary School Teachers. **British Journal of Educational Psychology**, v. 77, p. 229-243, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1348/000709905X90344>. Acesso em: 20 abr. 2024.

KYRIACOU, C. Teacher stress: Directions for future research. **Educational Review**, v. 53, n. 1, p. 27-35, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00131910120033628>. Acesso em: 23 abr. 2024.

LAMEU, J. D. N.; SALAZAR, T. L.; SOUZA, W. F. D. Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. **Psicologia da Educação**, n. 42, p. 13-22, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2175-3520.20150021>. Acesso em: 23 abr. 2024.

LAZARUS, R. S. From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. **Annual Review of Psychology**, v. 44, p. 1–21, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.44.020193.000245>. Acesso em: 23 abr. 2024.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. New York: Springer, 1984.

LE FEVRE, M.; KOLT, G. S.; MATHENY, J. Eustress, distress and their interpretation in primary and secondary occupational stress management interventions: Which way first? **Journal of Managerial Psychology**, v. 21, n. 6, p. 547–565, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/02683940610684391>. Acesso em: 18 fev. 2024.

LINCH, G. F. C.; GUIDO, L. A. Estresse de enfermeiros em unidade de hemodinâmica no Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 63-71, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000100008>. Acesso em: 07 fev. 2024.

MARTINS, M. D. G. T. Sintomas de stress em professores brasileiros. **Revista Lusófona de Educação**, v. 10, n. 10, p. 109-128, 2007. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/637>. Acesso em: 07 mar. 2024.

MARTINS, G. de A. e THEÓFILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.

NASCIMENTO, E. M.; CORNACCHIONE JUNIOR, E. B.; GARCIA, M. C. A dor nos tempos da covid-19: transtorno de adaptação nos professores do ensino superior brasileiro. **Educação em Revista (UFMG. IMPRESSO)**, v. 40, p. e35866, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469835866>. Acesso em: 26 abr. 2025.

NASCIMENTO, E. M.; CORNACCHIONE JUNIOR, E. B.; GARCIA, M. C. Estresse do Professor de Contabilidade: Modulação sob a Ótica da Teoria Demanda-Controle-Suporte. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, [S. l.], v. 15, n. 4, 2021. DOI:

10.17524/repec.v15i4.2836. Disponível em: <https://www.repec.org.br/repec/article/view/2836>. Acesso em: 26 abr. 2025.

NASCIMENTO, E. M. **Estresse e docentes na área de ciências contábeis Ciências Contábeis: consequências e estratégias**. 150f. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.12.2017.tde-13062017-155346>. Acesso em: 24 abr. 2024.

OLIVEIRA, M. D. G. M. D.; CARDOSO, C. L. Stress e trabalho docente na área de saúde. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, n. 2, p. 135-141, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200001>. Acesso em: 24 abr. 2024.

PUNCH, K.F; TUETTMANN, E. Correlates of psychological distress among secondary teachers. **British Educational Research Journal**, v. 16, n. 4, p. 369–382, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1500774>. Acesso em: 12 mar. 2024.

ROBINSON, L.E.; VALIDO, A.; DRESCHER, A.; WOOLWEAVER, A. B.; ESPELAGE, D. L.; LOMURRAY, S.; LONG, A. C. J.; WRIGHT, A. A.; DAILEY, M. M. Teachers, Stress, and the COVID-19 Pandemic: A Qualitative Analysis. **School Mental Health**, v. 15, p. 78-89, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12310-022-09533-2>. Acesso em: 24 abr. 2024.

RODRIGUES, C. C. F. M.; SANTOS, V. E. P. O corpo fala: aspectos físicos e psicológicos do estresse em profissionais de enfermagem. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v. 8, n. 1, p. 3587-3596, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i1.3587-3596>. Acesso em: 24 abr. 2024.

RUSSELL, D. W.; ALTMAIER, E.; VAN VELZEN, D. Job-related stress, social support, and burnout among classroom teachers. **Journal of Applied Psychology**, v. 72, n. 2, p. 269-274, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0021-9010.72.2.269>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SANTOS, A. M.; CASTRO, J. J. Stress. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 16, p. 675-690, 1998.

SANTOS, E. A.; QUIRAQUE, E. H.; SALLABERRY, J. D.; ZANIN, A. Influências de fatores pessoais e organizacionais no estresse percebido de professores de ciências contábeis. **Revista Mineira de Contabilidade**, v. 24, n. 3, p. 90-102, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51320/rmc.v24i3.1516>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SELYE, H. A syndrome produced by diverse nocuous agents. **Nature**, v. 138, p. 32-32, 1936. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/138032a0>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SILVA, Nilson Rogério; SILVA, Meire Luci. Associações entre indicadores de burnout e satisfação no trabalho em docentes do ensino superior. **Cadernos de Pesquisa**, v. 31, n. 1, p. 1-24, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v31n1.2024.20>. Acesso em: 05 mai. 2025.

SILVA, R. M. D.; GOULART, C. T.; GUIDO, L. D. A. Evolução histórica do conceito de estresse. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 7, n. 2, p. 148-156, 2018. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/316>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Fatores promotores de estresse em docentes dos cursos de ciências contábeis no Brasil

SILVA, R. M. D.; GOULART, C. T.; GUIDO, L. D. A. Evolução histórica do conceito de estresse. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 7, n. 2, p. 148-156, 2018. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/316>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SKAALVIK, E. M.; SKAALVIK, S. Does school context matter? Relations with teacher burnout and job satisfaction. **Teaching and Teacher Education**, v. 25, n. 3, p. 518-524, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tate.2008.12.006>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SKAALVIK, E. M.; SKAALVIK, S. Teacher self-efficacy and perceived autonomy: Relations with teacher engagement, job satisfaction, and emotional exhaustion. **Psychological Reports**, v. 114, n. 1, p. 68-77, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.2466/14.02.PR0.114k14w0>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SKAALVIK, E. M.; SKAALVIK, S. Job Satisfaction, Stress and Coping Strategies in the Teaching Profession-What Do Teachers Say?. **International Education Studies**, v. 8, n. 3, p. 181-192, 2015. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1060892>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SOARES, M. B.; MAFRA, S. C. T.; FARIA, E. R. D. Fatores associados à percepção de estresse em docentes universitários em uma instituição pública federal. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 17, n. 1, p. 90-98, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5327/Z1679443520190280>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SOUZA, M.C.; GUIMARÃES, A. C. A.; ARAÚJO, C. D. C. R. Estresse no trabalho em professores universitários. **Revista Brasileira de Ciência da Saúde**, v. 11, n. 35, p. 1-8, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/rbcs.vol11n35.1805>. Acesso em: 10 jan. 2024.

TIAN, M.; LU, G. What price the building of world-class universities? Academic pressure faced by young lecturers at a research-centered University in China. **Teaching in Higher Education**, v. 22, n. 8, p. 957-974, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13562517.2017.1319814>. Acesso em: 19 jan. 2024.

VASCONCELLOS, E. G. Stress, coping, burnout, resilience, troncos de uma mesma raiz. In: N. Silva Junior, & W. Zangari (Org.). **A psicologia social e a questão do hífen**. 1ed. São Paulo: Blüncher, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5151/9788580392357-20>. Acesso em: 19 jan. 2024.

WATTS, W. D.; SHORT, A. P. Teacher Drug Use: A Response to Occupational Stress. **Journal of Drug Education**, v. 20, n. 1, p. 47-65, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.2190/XWW0-7FBH-FXVB-2K3C>. Acesso em: 24 abr. 2024.

WILLE, S. B. “**Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende ensinando**”: refletindo sobre ações de formação docente na pós-graduação em Contabilidade. 210f. Tese (Doutorado em Controladoria e Contabilidade). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.12.2018.tde-06112018-115030>. Acesso em: 24 abr. 2024

YOUSAF, H. Q.; NASEER, M.; AHMED, M.; REHMAN, S. Navigating job demands: The relationship of psychological well-being, anxiety, depression, and social support in university teachers' job performance. **Current Psychology**, 2025. <https://doi.org/10.1007/s12144-025-07599-0>. Acesso em: 26 abr. 2025.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 26/04/2024

Aprovado em: 01/08/2025